

Desembaraço e popularidade na política externa

Sergio Leo
De Brasília

A política externa de Luiz Inácio Lula da Silva é, na avaliação de seus próprios formuladores, a primeira iniciativa do novo governo em que as mudanças se anunciaram de imediato, sem a "transição" prevista para a política econômica. O Itamaraty anunciou uma mudança de ritmo na participação do país nas negociações da Área de Livre Comércio das Américas (Alca); o presidente passou a opinar com um desembaraço inédito sobre o papel de liderança do Brasil na América Latina e até sobre questões internas dos vizinhos; e a figura do presidente continuou o estilo de diplomacia pessoal exercido pelo antecessor, Fernando Henrique Cardoso, mas mudou de tom: saiu o sociólogo, entrou o metalúrgico com carisma de popstar.

Até o que antes se apontava como problema, agora é elogiado no novo presidente: ao falar em português, na semana passada, em Davos, Lula despertou elogios de empresários portugueses e motivou cartas aos jornais exaltando a estréia da língua pátria nos salões onde impera o inglês — antes falado com fluência por Fernando Henrique.

A incapacidade de Lula com línguas estrangeiras não impediu que socorresse o chanceler alemão, Gerhard Schröeder, que hesitava ao

responder a uma pergunta embarracosa na entrevista após o encontro dos dois. Também não dificultou seu relacionamento com o primeiro-ministro conservador francês, Jacques Chirac, que, ao lado do brasileiro, nem esperou a tradutora para começar a rir quando Lula convidou a França a ingressar no Mercosul após a construção da ponte que ligará o Brasil à Guiana Francesa.

Lula, seu ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, e o assessor internacional da Presidência, Marco Aurélio Garcia, anunciaram em diversos pronunciamentos, a intenção de executar uma política externa pragmática e multilateral, em que se prevêem focos de atrito com Estados Unidos e Europa mas se afirma o interesse em manter as melhores relações possíveis com os países ricos. O presidente tem apresentado, no exterior, dois trunfos que lhe garantem a boa vontade e o interesse dos interlocutores, mesmo os mais distantes no espectro ideológico: é um político de esquerda com uma sólida tradição de respeito às instituições democráticas, e sua política econômica tem sido claramente ortodoxa, favorável ao livre-comércio e rigorosa em matéria de contas públicas.

O discurso de Lula, em muitos pontos semelhante ao de Fernando Henrique (que era até mais explícito na defesa de maior controle sobre os fluxos de capital no mundo) ganha maior repercussão graças à sua his-

tória pessoal e ao cenário internacional. O presidente brasileiro inaugura sua diplomacia em um mundo onde são crescentes as vozes que apontam o fracasso das políticas liberais de ajuste e no qual o fraco desempenho das principais economias assombra as populações dos países mais ricos com a ameaça do desemprego e estimula propostas de maior participação do Estado na atividade econômica.

A primeira iniciativa diplomática de Lula foi um sucesso inegável: às voltas com um aliado em dificuldades, o presidente venezuelano Hugo Chávez, assumiu a proposta de criação de um Grupo de Amigos para socorrer a Organização dos Estados Americanos (OEA) no trabalho de negociação entre oposição e governo venezuelanos. Venceu as resistências norte-americanas à idéia, superou o mal-estar provocado na oposição pelo apoio às posições de Chávez, e viu o Secretário de Defesa dos Estados Unidos, Colin Powell, indicar o chanceler Celso Amorim para coordenar o Grupo de Amigos, sob aplausos da oposição venezuelana. O trabalho do grupo, porém, mal começou e Chávez tem revelado frustração ao ver que o Brasil tem moderado seu apoio, após as conversas entre Amorim e Powell.

As autoridades norte-americanas, aliás, às voltas com uma guerra iminente e com dificuldades internas em sua própria economia, têm revelado

interesse em manter as melhores relações possíveis com o governo brasileiro. Mesmo a intenção revelada por Amorim, de atrasar a entrega de propostas para a negociação da Alca, mereceram reações mornas dos Estados Unidos. O anúncio da pretensão à liderança no continente, feito por Lula durante uma visita ao Equador, gerou algumas críticas, apenas no Brasil, e expectativas na vizinhança: "É muito positivo que o Brasil tome iniciativas no Mercosul, na Alca e na América do Sul", comenta o diretor do Instituto de Comércio Internacional da Fundação BankBoston, Felix Peña, um dos maiores especialistas em integração regional no Cone Sul: "Liderança hoje significa investimentos ou abertura de mercados, e se esperam atitudes concretas do Brasil nessa direção, em relação aos países da região."

As declarações de Lula sobre assuntos internos de outros países, como a forte crítica feita por ele a Carlos Menem, um dos candidatos à indicação peronista para a Presidência da Argentina, não tiveram grande repercussão, além do desconforto provocado entre especialistas em relações internacionais. São um foco potencial de problemas, porém. A expectativa revelada por Felix Peña é outra marca da estréia do novo — e bem-sucedido até agora — presidente brasileiro. O sucesso da equipe de Lula nas visitas ao exterior ainda está por ser testado nas negociações comerciais concretas que terão lugar nesse ano.